

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
**INÊS DE CASTRO:**  
**CORPO-TEXTO NOS DIÁLOGOS LITERÁRIOS**  
**BRASIL–PORTUGAL**

*Roberto Nunes Bittencourt (UFRJ)*  
[nunbitt@ig.com.br](mailto:nunbitt@ig.com.br)

– Inês, Inês, quem sobrevive, quem,  
nos filhos que fabrica?  
[...]  
Inês, Lídia – passamos.

(Mário Faustino.  
*O homem & sua hora e outros poemas*)

Toda esfinge exhibe um signo  
visível de seu enigma,  
embra quem o pressinta  
jamais lhe decifre a escrita.

(Ivan Junqueira. “Signo & Esfinge”)

D. Inês tomou conta das nossas almas. Liberta-se do casu-  
lo infernal, transforma-se em luz, em labaredas, em nas-  
cente viva. Entra nas vozes, nos lugares. Nada é tão incor-  
ruptível quanto a sua morte.

(Herberto Helder. “Teorema”)

Um salto de quatro séculos separa a Inês de Camões, n’ *Os Lusíadas*, da *Invenção de Orfeu* (1959), de Jorge de Lima e d’ *A rainha arcaica* (1979) de Ivan Junqueira. Para entender o diálogo intertextual entre as três obras, tomaremos como centro de leitura duas investigações: a primeira, a que se refere ao pensamento de Antônio Cândido ao enunciar uma “vontade de fazer *literatura* brasileira” (Candido, 1975, p. 25); a segunda, o ensaio investigativo de Maria Leonor Machado de Sousa, em sua obra *D. Inês e D. Sebastião na literatura inglesa*, ao estudar a projeção dos dois temas portugueses que mais freqüentam as literaturas estrangeiras, levantando as seguintes questões:

Que razões podem levar um autor a escolher um tema estrangeiro:  
a importância desse tema na sua própria cultura?  
a semelhança com outro existente na sua tradição cultural?

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

características sensacionais desse tema?

E ainda:

No caso de um tema ou mito importado, que influência exerceu ou de que modo foi alterado por influência de temas ou mitos afins?

(Sousa, s/d, p. 9-10)

Aplicando este esquema à Literatura Brasileira, mais exatamente aos dois poetas – Jorge de Lima e Ivan Junqueira – cabem algumas considerações interessantes para reflexão.

*Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, é, justamente caracterizada, obra síntese de sua experiência como poeta, romancista e pintor. Aparentam alguns críticos tratar-se de uma biografia épica do artista em busca de plenitude sensível e espiritual. Ressalta, inclusive, Cláudio Murilo Leal que o poema de Jorge de Lima

Está para a literatura brasileira assim como *Os Lusíadas* para a portuguesa. Considerados dois verdadeiros monumentos poéticos e lingüísticos, que enriqueceram para sempre o nosso patrimônio cultural, ambos os poemas celebram um compromisso entre respeito à tradição e a ousadia da renovação. (Leal *apud* Lima, 2005, p. 7)

“Permanência de Inês” – o canto IX de *Invenção de Orfeu* – é a própria exaltação do fazer poético. Paradigmaticamente recriando e revitalizando o sintagma camoniano, a Inês de Jorge de Lima não é aquela “posta em sossego”, mas a que não ficou “nunca em sossego”.

Estavas, linda Inês, nunca em sossego  
e por isso voltaste neste poema,  
louca, virgem Inês, engano cego,  
ó múltipara Inês, sutil e extrema,  
ilha e mareta funda, raso pego,  
Inês desconstruída, mas eureka,  
chamada Inês de muitos nomes, antes,  
depois, como de agora, hoje distantes. (Lima, 2005, p.; 359)

É, parece-nos, justamente esse desassossego a certeza – ou garantia – da “permanência de Inês”. É a lenda que se fez mito – e se fez texto. Inês é verbo encarnado, é o poema, a abertura para o texto literário: a origem da poesia. Introspecção, prospecção e retrospectiva, *Invenção de Orfeu* é mundividência, expressão do Cosmos. Experiência e conhecimento. Inês surge como poesia, unida, transubstanciada:

Porém penumbra vaga ou talvez acha  
celeste consumindo-se, também  
a própria conceição parindo baixa  
a real prole; de súbito ninguém  
nessas longínquas órbitas que enfaixa

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

com seus cabelos, ela-a-mais-de-cem,  
a mais de mil, Inês amorfa e aresta,  
Inês a só, mas logo a sempre festa.

Inês que fulge quando o dia brilha  
ou se acinzentada quando o ocaso avança,  
rainha negra, mãe e branca filha,  
entre arcanjos do céu etérea dança,  
e nos dias dos mundos andarilha,  
andar incandescente que não cansa  
poema aparentemente muitos poemas,  
mas infância perene, tema em temas. (Lima, 2005, p. 359-360)

Para Jorge de Lima – relendo e confirmando o que previu Garcia de Resende – a glória de Inês é tornar-se texto. O galardão do amor é morrer e, na morte, renascer em re-criação. É Orfeu, o poeta-homem-criador que transforma Inês nas mil faces, amorfas, atéreas, eternas.

A visão que o sujeito-lírico tem de Inês é uma espécie de iniciação poética: uma viagem iniciática. Contemplar Inês é contemplar a própria poesia. Esta poesia que é libertadora dos sentidos, porque ela, Inês, a “musa Inês”, assim o é pela força da criação literária. Como poesia, está além do tempo, porque não finda; está para além do espaço, porque atravessa fronteiras: está fora do *topos* e fora do tempo.

É o vislumbre da *Máquina do Mundo*. Inês é poesia, Inês é revelação. O olhar é o elo entre o menino-poeta e a musa:

Ela fechada virgem, via-a em rio;  
eu era os meus sete anos, vendo-a vejo  
a própria poesia que surgiu  
intemporal, poesia que antevejo,  
poesia que me vê, verá, me viu,  
ó mar sempre passando em que que velejo  
eu próprio outro marujo e outro oceano  
em redor do marujo trasmontano.

Meu pai te lia, ó página de insânia!  
E eu escutava, como se findasses.  
Findasses? Se tu eras a espontânea,  
a musa aparecida de cem faces,  
a além de mim e além da Lusitânia  
como se além da página acenasses  
aos que postos em teus desassossegos  
cegam seus olhos por teus olhos cegos. (Lima, 2005: 360)

Comunhão com a existência, Inês é a epifania de muitos poetas.  
“Inês refaz-se simultaneamente, / obumbra os horizontes, cobre o poen-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

te”. Resgate de um passado, vislumbre para o futuro. É a libertação dos sentidos. Linguagem primitiva e criação de outras – é o mito que se cria.

Amou revelação, purificou-se,  
nenhum amor descrito conseguiu  
ensombrar-lhe de angústia o olhar doce.  
Inês resplandecente, sempre estio,  
conheceu-se em seus símbolos. Amou-se,  
pois fora restituída. Coexistiu.  
Chispa inventiva, Inês florida arena  
marasmos espezinha. Altiva cena. (Lima, 2005: 361-362)

Poema sobre poemas, *Invenção de Orfeu* é a recriação constante da palavra, do discurso. Da palavra em curso. Poesia recriada através de outras. É o que Cláudio Murilo Leal (*apud* Lima, 2005, p. 13-14) chamou de “um texto palimpsesto, que incorpora elementos de uma prévia literatura. Isto é, em *Invenção de Orfeu* ressoam vozes pretéritas”. São estas, as vozes da *Divina Comédia*, d’ *Os Lusíadas*, da *Bíblia*, em um constante diálogo, absorvendo mitos e místicas.

E o Canto IX, “Permanência de Inês” é o encontro de muitas vozes, de muitos poemas, de muitos poetas-deuses-criadores-de-mil-criaturas. É Garcia de Resende, que volta. É Camões. Poetas que, colhendo os doces frutos poéticos, encontraram Inês fora do sossego. Porque ela já não é mais só Inês, mas também o mito que dela fizeram.

Fusão entre sujeito e objeto. Permanência de Inês entre a imaginação e a memória:

Inês da terra. Inês do céu. Inês.  
Preferida dos anjos. Árdua rota,  
conúbio consumado, antevivuvez.  
Mas após amplidão sempre remota,  
branca existência, face da sem tez.  
Ontem forma palpável. Hoje ignota.  
Eterna linda Inês, paz, desaparego,  
porta recriada para os sem-sossego.  
[...]  
Queimada viva, logo ressurrecta,  
subversiva, refeita das fogueiras,  
adelgada como início e meta;  
as palavras e estrofes sobranceiras  
narram seus gestos por um seu poeta  
ultrapassado às musas derradeiras  
da sempre linda Inês, paz, desaparego,  
porta da vida para os sem-sossego. (Lima, 2005: 363-364)

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Inês é um corpo-texto, um corpus identitário da Língua Portuguesa. Por entre máscaras e tranças, tece-se o mito. E mais, cria-se o código da Língua, o “escrever em português”, como se pode ler n’ *A rainha arcaica*, de Ivan Junqueira. Ao poeta, não lhe faltam as referências a Fernando Lopes, Garcia de Resende, Camões, Jorge de Lima, postos em epígrafe:

Estavas, linda Inês, posta em sossego.  
Luís de Camões, *Os Lusíadas*, (Canto III)

Estavas, linda Inês, nunca em sossego.  
Jorge de Lima, *Invenção de Orfeu*, (Canto IX)

Com as espadas na mam  
m’atravessaram o coraçom,  
a confissam me tolheram:  
este é o galardam  
que meus amores me deram.  
Garcia de Resende, *Cancioneiro geral*

O mytho é o nada que é tudo.  
Fernando Pessoa, *Mensagem*, II, (*Os Castellos*, Primeiro/Ulysses)

O texto de Junqueira é a busca de uma cosmogonia, de uma origem – da formação de um *corpus* – da poesia [a vontade de fazer *literatura* brasileira] no diálogo histórico-literário entre Brasil e Portugal. Para o poeta, “Toda esfinge exhibe um signo / visível de seu enigma, / embora quem o pressinta / jamais lhe decifre a escrita” (Junqueira, 2005, p. 55). E assim o é com a sua Inês. Instigando, provocando o leitor, Junqueira retoma o célebre verso de Fernando Pessoa, para quem “o mytho é o nada que é tudo”, apontando já para um caminho de interpretação desse mito que se renova a cada leitura. “A rainha indivisa”, primeiro soneto, demonstra uma possível falência dos desejos e das ações humanas:

E vendo-se a rainha despojada  
de seus haveres ancestrais e a pátria,  
sem feudo ou latifúndio – as glebas fartas  
agora à minguia, do calcâneo à escápula;  
e vendo-se a monarca exígua e arcaica,  
sem rei na alcova, tumba de alabastro,  
distante já dos ais de suas aias  
que entre águias e unicórnios fabulavam;  
e a soberana assim posta em desgraça,  
de eunucos e presságios rodeada,  
lívida ao gume esguio das adagas,  
de joelhos se pôs na orla das águas,  
e as vagas lhe rasgaram a ilharga: tálamo  
onde párias foram reis. E reis, vassallos. (Junqueira, 2005: 80)

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Inês, desamparada e despojada de si mesma, exígua e arcaica des-cobre-se morta em vida. Ela que “ora defunta, / já foi infanta e bela como tantas”. Em ruína, “de si própria se fez pântano”. São os indícios da falência e do luto diante de tudo o que é efêmero, transitório. A vida, mas não a poesia. Ivan Junqueira vem provar que o fazer poético tem o poder de reverter o irreversível. A morte de Inês é o seu galardão, atestara Garcia de Resende. E por isso Inês não morre. A permanência de motivos poéticos é a vitória sobre a morte, propõe Junqueira. O poeta, como herdeiro da poética inesiana, faz da *rainha* a sua *poesia*:

O poema “Eu era moça, menina...”, glosando Garcia de Resende, tem como enunciador a própria Inês de Castro. Viva – embora morta – e conhecedora de seu destino:

Eu era moça, menina, em meus paços  
muito honrada, por nome Inês de Castro,  
quando o vi no Mondego, inquieto e esgalgo,  
a sitiar-me a fímbria das espáduas.  
Era o infante meu primo, ajaezado,  
o dinasta afonsino com seus gládios,  
seus cães de fino faro em meu encalço  
no afã de decifrar-me a foz do orgasmo.  
Ele se veio a mim como quem sabe  
que à fêmea apraz o macho sem alarde.  
Nada pediu. Quis-me. Fiz-lhe a vontade.  
E a sorte, bem sabeis, lançada estava  
quando o vi no Mondego (e já era tarde  
para o perdão de Portugal e o Algarve). (Junqueira, 2005: 82)

Junqueira eleva ao mais alto patamar o pensamento de poetizar a História. “La poesía es revelación de la condición humana y consagración de una experiencia histórica concreta”, disse Octavio Paz (1972, p. 231). O soneto XII d’A *rainha arcaica* – “Vai numas andas...” – é a leitura do texto de Fernão Lopes que o poeta utiliza em epígrafe para o poema – “Sempre o seu corpo foi per todo o caminho per antre círios acesos” – e reconstitui a cena espantosa – e majestosa – da trasladação do cadáver de Inês:

Por entre a luz dos círios, sob a névoa,  
navega o féretro de uma donzela.  
Vai numas andas que os fidalgos levam  
em lento périplo ao redor das glebas.  
E voa assim por dezassete léguas  
que entre Alcobaça e as serras se enovelam.  
Vai leve o séqüito em seu curso aéreo  
ao som do réquiem que sussurram os clérigos.  
Flameja a infanta sobre um mar de flechas

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

e nave adentro flui rumo à capela,  
cerca de Pedro, que na pedra a espera  
e em pedra a entalha da coroa aos pés.  
Descansa, Inês, longe dos reis terrestres,  
pois que outro reino agora te celebra. (Junqueira, 2005: 85)

O mistério da criação poética é desenvolvido no último soneto: “Inês: o nome”. Nele, o poeta apresenta uma Inês que é eterna – e o que se configuraria como um fim, passa a ser o princípio da vida poética. Eis o mistério da poesia, que Ivan Junqueira nos revela nestes versos d’ *A rainha arcaica*:

Inês é nome que se pronuncia  
para instigar ou seduzir prodígios,  
é senha que as sibilas baluciam  
ao decifrar enigmas cabalísticos.  
É mais do que isto: códice da língua,  
raiz da fala, bulbo do lirismo.  
É gênese da raça e do suplício,  
arché do amor e substância prima.  
É mais ainda: tálamo do espírito,  
dessa alquimia de morrer em vida  
e retornar na antítese do epílogo.  
E quem disser que Inês é apenas mito  
– mente. E faz dela inútil pergaminho.  
E da poesia um animal sem vísceras. (Junqueira, 2005: 86)

Inês é texto em palimpsesto. É rasura, reescritura. Passado que se atualiza na memória, em histórias e variações. É “a mais de mil”, múltipla, ambivalente. Múltipara, porque deixou muitos filhos. Permanência sempre ditada, repetida e evocada no espaço mítico da lusofonia. Como escreve Dinah Silveira de Queiroz (*apud* Junqueira, 2005: 258), “a poesia continua rainha, embora uma rainha arcaica que nos vem como um eco que atravessa os tempos, como mulher eterna que é, em sua sedução”.

Para concluir, falta ainda uma possível resposta a Maria Leonor Machado de Sousa e, claro, completando, assim, a interlocução com a já célebre sentença de António Candido.

No volume de poemas a que deu o nome de *Visitação* (1982), poeta português, estabelece textualmente uma interlocução (visitação) com a cultura brasileira. Muito nos é cara a leitura de um dos seus poemas, bastante elucidativo para o nosso texto:

Iracema  
acerca da língua (esta) declaro:  
gotas de verde e estranho licor vazadas  
da igaçaba;

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

já atravessa as florestas; já chega  
aos campos do Ipu; nada havia  
porém de suspeito  
no intenso respiro da floresta.  
lá tripudiam de furor, e arremetem pelas sombras  
(mais longe  
que o goaná do lago, quanto sente  
a chuva além das serras)  
nas auras sutis que aflavam. uma sombra  
resvalava, acompanhando o pensamento. escuta  
o passo veloz do povo tabajara  
como o tapir rompendo a floresta  
como o colibri entre as flores da acácia

agra saudade já  
não repetia  
o nome

tudo sobre a terra passa. o povo tabajara  
caminha na floresta. (Alexandre, 1982: 146-147)

Ponto de chegada, afinal, talvez para uma nova partida. O Mito e suas ficções: a nacionalidade. “Bulbo do lirismo”, como diria Junqueira. E mais: “códice da língua”: origem da poesia. Inês-Iracema, o nome que se pronuncia, em português, para significar a palavra Amor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRE, António Franco. *Visitação*. Lisboa: Gota de Água, 1982.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira* (Momentos decisivos). Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Itatiaia, 1975.
- JUNQUEIRA, Ivan. *Poesia reunida*. São Paulo: A Girafa, 2005.
- LEAL, Cláudio Murilo. *Invenção de Orfeu: uma nebulosa cosmogonia*. In: LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- SOUSA, Maria Leonor Machado de. *D. Inês e D. Sebastião na literatura inglesa*. Lisboa: Vega, [s/d.].